

A rainha e o general

uma leitura foucaultiana do diário íntimo de Couto de Magalhães*

The queen and the general

a Foucaultian reading on Couto de Magalhães' intimate diary

MÁRCIO COUTO HENRIQUE

*Professor da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, Doutor em Antropologia.
Campus Universitário do Guamá/Faculdade de História, Av. Augusto Corrêa nº 01, Belém, PA – CEP 66.075-110. Belém. Pará.
marciocouto@ufpa.br*

RESUMO O artigo discute as contribuições da obra de Michel Foucault para a compreensão dos registros íntimos que o general brasileiro José Vieira Couto de Magalhães fez em seu próprio diário, escrito em sua maior parte em Londres, na segunda metade do século XIX, época supostamente marcada pelos rigores repressivos da moral vitoriana. Ao registrar detalhadamente sua intimidade, seus sonhos eróticos hetero e homossexuais, bem como condutas e paixões sexuais consideradas àquela época como desviadas da normalidade, o diário íntimo de Couto de Magalhães constitui um reforço da crítica à “hipótese repressiva” desenvolvida por Foucault em seu projeto de uma história da sexualidade. Por outro lado, evidencia-se a legitimidade dos diários íntimos enquanto fonte de pesquisa nas ciências sociais.

Palavras-chave diário íntimo, Couto de Magalhães, Michel Foucault

* Artigo recebido em: 30/01/2009. Aprovado: 22/05/2009.

ABSTRACT This article discusses the contributions of Michel Foucault's work for the understanding of the intimate registrations that the Brazilian general José Vieira Couto of Magalhães did on his own diary, written in its majority in London, in the second half of XIX century, time supposedly marked by the repressive rigidities of the Victorian morals. When registering his intimacy, their erotic hetero and homosexual dreams erotic in full details, as well as conducts and sexual passions considered to that time as diverted of the normality, the intimate diary of Couto of Magalhães constitutes a reinforcement of the critic to the "repressive hypothesis" developed by Foucault in his project of a history of the sexuality. On the other hand, the legitimacy of the intimate diaries is evidenced while research source in the social sciences.

Keywords intimate diary, Couto de Magalhães, Michel Foucault

Problematizando as noites burguesas

Por muito tempo se acreditou que as noites da burguesia vitoriana teriam sido marcadas pela monotonia. Confiscados pela família conjugal, homens e mulheres, em atitudes de decoro corporal e decência nas palavras, restringiriam suas práticas sexuais à função de reproduzir, no quarto de casal que o código de normas burguês destinara para este fim. Sobre os que insistiam em contrariar as normas, mostrando-se sem o esperado recato, recaíam as sanções. Foi contrariando este quadro de uma sexualidade contida, muda e hipócrita que Michel Foucault iniciou seu projeto de uma história da sexualidade, criticando abertamente a "hipótese repressiva".¹

Conforme mostrou Foucault, longe de se calar em torno do sexo, ao longo do século XIX, homens e mulheres foram intensamente estimulados a responder a uma petição de saber-poder sobre seu próprio corpo, desde a infância, ensejando um processo de "colocação do sexo em discurso". Se alguns encontraram um meio mais circunspeto de responder a esta petição, outros preferiram correr os riscos de se revelar demasiadamente, através de escritos libertinos, cartas confidenciais, confissões escritas, missivas de amor ou diários íntimos.

Um exemplo bastante eloqüente quanto às respostas em forma de desafio ao processo de incitação aos discursos sobre o sexo, ficou registrado na história por um brasileiro que, na segunda metade do século XIX, visitava as terras da rainha Vitória: José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898). Nascido em Diamantina, Minas Gerais, era um homem rico, letrado, bacharel

1 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984a [1976].

em Direito, um dos primeiros a registrar o folclore nacional.² Fazia parte do círculo de relações do imperador D. Pedro II e presidiu quatro províncias brasileiras (Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo), recebendo o título de general por sua participação na Guerra do Paraguai (1864-1870). Como muitos outros homens de sua época, Couto de Magalhães (1998) escrevia diários íntimos, nos quais registrava uma profunda preocupação com o conhecimento de si mesmo, a busca do estado de saúde ideal, a preocupação com o desequilíbrio do “sistema nervoso” e o registro de paixões sexuais consideradas àquela época como desviadas da normalidade.³

Parte significativa dos registros íntimos do nosso herói nacional correspondia ao que ele definia como “Diário de sonhos”, suporte de muitas batalhas simbólicas. Nele, o general registrava detalhadamente suas mais diferentes experiências oníricas, recorrendo ao Nheengatú ou a códigos pessoais para registrar o que julgava indizível.

De um modo geral, tais práticas são associadas à tendência à introspecção que se desenvolveu no Romantismo. Desvelar o coração por meio destas práticas consistia em “voltar a fazer do mundo um lugar encantado”, combatendo a razão iluminista, acusada de ter banido do mundo a idéia de mistério e de maravilhoso.⁴ Quando me propus a analisar o diário íntimo de Couto de Magalhães, eram estas minhas idéias-guia originais.⁵ Mas ao ler Michel Foucault, me dei conta de que os indícios dessa peregrinação ao mundo interior estavam situados num período bastante anterior ao século XIX.

Antes, porém, de entrar nessa discussão, é importante lembrar que a leitura de Michel Foucault foi fundamental para minha aproximação inicial do próprio suporte utilizado por Couto de Magalhães para conhecer a si mesmo: o diário íntimo. Desde o início de minha pesquisa precisei refletir sobre como deveria abordar um tipo de documento que “produz um ‘excesso de sentido’ que insufla força, convicção e veracidade”.⁶ Tal como uma carta, o fato de o diário íntimo se apresentar como um discurso espontâneo, marcado pelo registro da intimidade, a princípio produzido sem ter em vistas a publicação ou para ser publicado após a morte e por ser escrito

2 O interesse do autor pelo folclore nacional pode ser constatado em COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *O selvagem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940 [1876].

3 Cf. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. (organização Maria Helena P. T. Machado) *Diário Íntimo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Coleção Retratos do Brasil). Segundo Foucault, a chamada “doença dos nervos” foi um dos focos utilizados pela medicina, a partir dos séculos XVIII e XIX, para suscitar os discursos sobre o sexo. Conferir FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*, p.32.

4 Cf. GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa, da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

5 Cf. HENRIQUE, Márcio Couto. Um toque de voyeurismo. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.285-303, 2005; HENRIQUE, Márcio Couto. *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)*. Belém: UFPA, 2008. (Antropologia, tese de doutorado).

6 Cf. DAUPHIM, Cécile e POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et alii. *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p.76.

na primeira pessoa do singular acaba por produzir um “efeito de verdade” cuja sedução precisa ser discutida.

Nesse sentido, a crítica de Michel Foucault aos historiadores que até algumas décadas trabalhavam com uma noção de verdade essencialista foi fundamental.⁷ Firmei então a convicção de que não poderia tratar o diário de Couto de Magalhães como uma “máscara”, para não correr o risco de pensar que por trás dessa “máscara” haveria algum tipo de essência que conteria a verdade do autor. Se por trás da “máscara” do diário íntimo tudo que eu poderia encontrar era outra “máscara”, a verdade do autor somente apareceria na medida em que eu conseguisse me situar no jogo das verdades que compunham a existência histórica de Couto de Magalhães, evidenciadas tanto nas páginas do diário íntimo quanto nas obras que ele publicou, nas obras que ele leu, nas correspondências entre amigos, no imaginário de excentricidades que se criou em torno dele, e também naquilo que constitui o não-dito do general.

Dessa forma, se procurei perceber contradições no *Diário íntimo*, não foi no sentido de revelar sua essência, mas sim por querer mostrar que existe uma tensão constitutiva no ato do sujeito moderno de constituir a si próprio. Era uma forma de não ser vítima de uma “ilusão biográfica”,⁸ ou seja, da ingenuidade de se supor a existência de ‘um eu’ coerente e contínuo, que se revelaria nesse tipo de escrita, exatamente pelo “efeito de verdade” que ela é capaz de produzir.

Ao registrar explicitamente sua intimidade ou utilizar-se de códigos para o registro do que julgava indizível, o diário do general transborda de técnicas de saber e de procedimentos discursivos que fazem parte das relações de poder que tornaram a sexualidade um domínio a conhecer, parte, portanto, do que Foucault definiu como o “dispositivo de sexualidade”.⁹ Ao manifestar estar sempre atento às mínimas manifestações de seu sexo, Couto de Magalhães evidenciava estar preso a formas de sujeição e esquemas de conhecimento que iam muito além de sua individualidade e de sua época, configurando um bom exemplo de “foco local de poder-saber”.¹⁰ Afinal, como mostrou Foucault, ao comentar a publicação de uma obra do final do século XIX, em que o autor anônimo descreve suas mais estranhas práticas, “a mais estranha dessas práticas, que consistia em contá-las todas e em detalhe, e diariamente, era princípio depositado no coração do homem moderno já pelo menos há dois séculos”.¹¹ Assim, num primeiro momento, o autor

7 Para os impactos dessa crítica na historiografia brasileira, conferir RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia Brasileira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, v.7, n.1-2, p.67-82, 1995.

8 Cf. BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p.183-191.

9 Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982 [1979]; FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*.

10 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*, p.94.

11 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*, p.25.

anônimo é utilizado por Foucault como evidência do processo de “colocação do sexo em discurso”, iniciado com a pastoral cristã e transformado em regra para todos no século XVII. E o propósito de Foucault ao apresentar seu projeto de uma história da sexualidade era exatamente este: evidenciar os movimentos que conduziram, a partir de fins do século XVI, a essa “colocação do sexo em discurso”, a esta vontade de saber que expressava o desejo de constituição de uma ciência da sexualidade. Por não concordar que este processo tenha sofrido uma interrupção no século XIX, Foucault inicia seu projeto exatamente passando por cima da “hipótese repressiva”, segundo a qual o sexo teria sido enquadrado, ao longo do referido século, num rigoroso processo de restrição e de interdição.

Se Foucault tivesse prosseguido seu projeto inicial, possivelmente minha análise do diário íntimo de Couto de Magalhães também teria seguido outro rumo. De fato, não seria difícil ligar o esforço de conhecimento e de perpetuação de si por parte do general brasileiro a muitos outros homens e mulheres que, como ele, arquivaram suas próprias vidas nas páginas de um diário íntimo desde o século XVII e, sobretudo, a partir da porta aberta pelas *Confissões* de Rousseau (1956),¹² publicadas entre 1782 e 1789. Da mesma forma, fácil seria inserir Couto de Magalhães na lista de “outros vitorianos”¹³ que evidenciam a insustentabilidade da “hipótese repressiva”, na medida em que o general, solteirão até morrer, pai de filhos que não criou, registrava detalhadamente sua intimidade, seus sonhos eróticos hetero e homossexuais, seus “desejos” mais sórdidos, sem associar qualquer de suas práticas a uma reflexão ditada pelos cânones da medicina social ou da Igreja.

O difícil seria articular a escrita de diários com as técnicas do “cuidado de si”, que Michel Foucault abordou em função de ter feito um “deslocamento teórico” em seu projeto inicial. Ao proceder o estudo dos modos pelos quais os indivíduos são levados a se reconhecerem como sujeitos sexuais, Foucault se deparou com a seguinte dificuldade: como fazer uma análise da formação e do desenvolvimento da experiência da sexualidade a partir do século XVIII, sem fazer, a propósito do desejo e do sujeito desejante, um trabalho histórico e crítico? Dessa forma, Foucault constata que “para compreender de que maneira o indivíduo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma sexualidade, seria indispensável distinguir previamente a maneira pela qual, durante séculos, o homem ocidental fora levado a se reconhecer como sujeito de desejo”¹⁴.

12 Cf. ROUSSEAU, Jean-Jacques. *As confissões*. São Paulo: Atena Editora, 1959 [1782-1789].

13 Cf. MARCUS, Steven. *The other Victorians – a study of sexuality and pornography in mid-nineteenth-century England*. Nova York: Basic Books, 1966.

14 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p.11.

Dessa forma, esse “deslocamento teórico” conduziu Foucault da época moderna até a Antiguidade, levando-o a se questionar sobre de que maneira a cultura grega e greco-latina fez da atividade sexual um campo a ser problematizado, constituído como campo moral. O autor percebe então que essa problematização não podia ser pensada desassociada de um conjunto de práticas que ele denominou de diferentes formas: “artes da existência”, “estéticas da existência”, “técnicas de si” ou “tecnologias de si”. Trata-se de “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo”.¹⁵ O novo percurso de Foucault seria, então, mostrar de que maneira, a partir da Antiguidade, a atividade e os prazeres sexuais foram problematizados através das práticas de si. Este movimento configuraria, para o autor, uma genealogia do homem de desejo.

Desse modo, o “deslocamento teórico” feito no projeto de uma “história da sexualidade” foi fundamental para minha leitura do diário de Couto de Magalhães, na medida em que Foucault se voltou para a leitura de textos clássicos que lançaram muitas luzes sobre os registros íntimos do general e, mais do que isso, sobre a forma como ele dialogava com as regras de conduta de seu tempo e procurava modificar a si próprio. Afinal, na escrita do diário íntimo, a ênfase é colocada na relação consigo mesmo. De uma intensificação da relação consigo mesmo depende o sucesso do sujeito que escreve sobre si porque quer se conhecer, porque quer constituir para si uma identidade. É bem verdade que ao longo do diário o general faz referências a muitos autores do mundo clássico e dos séculos iniciais da Era Cristã, tais como Hipócrates, Juvenal, Galeno, Horácio, Virgílio ou os filósofos epicuristas, que ajudam a entender a atitude do general enquanto “médico de si mesmo”, preocupado em registrar os cuidados que deveria ter para encontrar e manter a perfeita harmonia entre seu regime dietético e seu estado de saúde. Mas a análise que Foucault fez dos textos clássicos foi importante não só para a compreensão do substrato médico em Couto de Magalhães, mas também da relação consigo mesmo estabelecida nas páginas do diário.

A discussão que Foucault fez do desenvolvimento da chamada “cultura de si”¹⁶ nos primeiros séculos da era Cristã foi fundamental para minha compreensão de que a escrita do diário íntimo, enquanto técnica de si, implica num certo aprendizado, um certo labor. A escrita do diário íntimo revela um conjunto de gestos ritualizados que contribuem para um engajamento de si

15 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p.15.

16 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985 [1984], p.43-73.

na produção escrita da identidade: escolher o suporte mais adequado para a escrita, identificar o momento mais oportuno para o registro, definir o tempo que se deve dedicar à escrita de si, recolher-se a um canto, concentrar-se sobre si mesmo, filtrar os acontecimentos do dia-a-dia, fixar o que se julga relevante, elaborar códigos pessoais para esconder o indizível, definir o lugar onde se guarda o diário para livrá-lo dos curiosos. No caso de Couto de Magalhães, tornou-se fundamental refletir sobre sua experiência de escolarização, por meio da qual ele aprendeu muitas das técnicas corporais¹⁷ que informavam a maneira de observar seu próprio corpo.

Ao analisar textos escritos entre a Antiguidade clássica e os primeiros anos do Cristianismo, enquanto parte da genealogia do homem de desejo, Foucault observa que, nos referidos textos,

[a] ênfase é colocada na relação consigo que permite não se deixar levar pelos apetites e pelos prazeres, que permite ter, em relação a eles, domínio e superioridade, manter seus sentidos num estado de tranquilidade, permanecer livre de qualquer escravidão interna das paixões, e atingir a um modo de ser que pode ser definido pelo pleno gozo de si ou pela soberania de si sobre si mesmo.¹⁸

As páginas do diário do general Couto de Magalhães evidenciam uma intensa relação consigo mesmo, um esforço no sentido de manter controle sobre os apetites e prazeres e encontrar um estado de equilíbrio entre as diferentes esferas da vida, gozando plenamente da soberania sobre si mesmo. Em todo caso, na conjuntura específica da segunda metade do século XIX, esta preocupação era reforçada por razões distintas daquelas que caracterizaram o cuidado de si na Antiguidade. Segundo observou Carmem Soares,

vivia-se um momento no qual se desejava criar um corpo civilizado, um corpo em que não existissem excessos, no qual os gestos fossem comedidos e, sobretudo, econômicos e úteis a finalidades precisas. O corpo como espetáculo estava fora do receituário de 'vida saudável' construído pela sociedade oitocentista, sobretudo pelo discurso médico.¹⁹

Na antiguidade clássica, manter-se livre de qualquer escravidão interna das paixões não significava submeter-se a um código moral que ditasse o que era lícito ou ilícito, normal ou patológico. Conforme observou Foucault, “[o] perigo que as *aphrodisia* trazem consigo é muito mais a servidão do que a mácula”.²⁰ A noção de *aphrodisia* compreendia, então, todos os atos,

17 Cf. MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974, p.209-233.

18 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p.30.

19 Cf. SOARES, Carmem Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.58.

20 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p.74.

gestos, contatos, que proporcionam certa forma de prazer. A reflexão se dava no sentido de que o indivíduo não deveria se tornar escravo do prazer, não porque isto o levaria ao pecado, mas sim porque o colocaria em desequilíbrio, impedindo-o de exercer a soberania sobre si mesmo. No século XIX, sob a égide da higiene, esperava-se que, no plano ideal, o indivíduo fosse dono de um corpo adestrado, dominando suas próprias forças e distribuindo adequadamente suas energias. Na medida em que se tornava apto no controle de seus próprios impulsos, seria o disciplinador de si mesmo. Mas diferentemente dos textos clássicos que Foucault analisou, nos textos higienistas longa era a lista de gestos proibidos, seja porque maculavam e desonravam o corpo, seja porque o deixavam doente.

Se esta exigência de austeridade era comum tanto ao século XIX quanto aos autores clássicos que o general lia e citava no diário, convém não deixar dúvida de que, entre uma época e outra, existem diferenças profundas nas formas como se é chamado a se tomar a si próprio como objeto de conhecimento: conforme demonstrou Foucault, o desenvolvimento do que ele denominou “cultura de si” na Antiguidade clássica, se conduz a uma exigência de austeridade sexual e de atenção maior com o corpo, “não parece ter sido a manifestação de um individualismo crescente”.²¹ Ao passo que, no século XIX, as relações de si para consigo que são intensificadas e valorizadas compõem o quadro de um individualismo mais e mais crescente. Dessa forma, se por um lado a leitura que Foucault fez dos autores da Antiguidade era inspiradora para minha análise do *Diário íntimo*, era necessário manter um cuidado constante e redobrado para não cair em anacronismo.

A noção do “médico de si mesmo” encontra suporte em textos médicos da Antiguidade, na medida em que muitos destes, conforme observou Foucault, geralmente,

pretendem estabelecer regras, dar opiniões, conselhos, para se comportar como convém: textos ‘práticos’ que são, eles próprios, objeto de ‘prática’ na medida em que eram feitos para serem lidos, aprendidos, meditados, utilizados, postos à prova, e visavam, no final das contas, constituir a armadura da conduta cotidiana.²²

Ao discorrer sobre a importância que os gregos atribuíam ao regime, Foucault observou que,

para que a boa gestão do corpo venha a ser uma arte da existência, ela deve passar por uma colocação na escrita, efetuada pelo sujeito a propósito de si mesmo; através da escrita ele poderá adquirir sua autonomia e escolher com

21 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*, p.49.

22 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p.16.

conhecimento de causa o que é bom e o que é mau para ele: ‘Se vos observardes desse modo, diz Sócrates a seus discípulos, dificilmente encontrareis um médico que possa discernir melhor do que vós próprios o que é favorável à vossa saúde’.²³

Toda a postura adotada por Couto de Magalhães ao redigir seu diário íntimo caminha nesse sentido, conforme se pode verificar nos trechos abaixo:

[T]omei ao jantar um pouco de cerveja – não sei se fará bem; tomei-a na fé do Trousseau.²⁴

Em um dos anteriores capítulos, descrevendo os sofrimentos que eu tinha, eu disse que havia de curar-me até que eu pudesse dizer que julgava minha saúde perfeita, isso quase que eu consegui, e se o não consegui completamente estou no caminho de o conseguir. Isso até certo ponto eu o devo ao acaso, porém o que poderia o acaso fazer se eu me não houvesse preparado para que ele operasse favoravelmente? Isso me dá muita satisfação, pois foi o resultado de energia e força de vontade.²⁵

Na primeira citação, mesmo tecendo elogios no diário ao médico francês Armand Trousseau, a persuasão se dava muito mais pela leitura e experimentação por conta própria do que pela escuta das verdades médicas. Não bastava a recomendação de Trousseau para que o general se convencesse de que a cerveja fazia bem ao jantar, era preciso observar o desenrolar dos efeitos da dieta adotada. Na segunda, em registro feito aos dez de outubro de 1880, mais uma vez, o mérito pela saúde quase perfeita não é atribuído aos médicos ou a medicina oficial, mas a si mesmo. O equilíbrio ou a harmonia alcançada era resultado de energia e força de vontade, da auto-observação e das experiências medicamentosas às quais ele se sujeitava. A essa altura, estar doente significava muitas vezes ‘estar sob cuidados’ de si mesmo.

De fato, ele procurava exercer uma boa gestão de seu próprio corpo, enquanto arte da existência, por meio da colocação de seu corpo na escrita detalhada e constante do diário. Comparando autores, observando a si mesmo, submetendo-se a experiências dietéticas cujos resultados eram julgados por ele próprio, o general buscava sua autonomia no que se refere a sua própria saúde. Para o desespero da medicina oficial, ávida por se consolidar como única fonte de verdade sobre corpos e mentes, a temática do “médico de si” fazia com que as escolhas individuais dos

23 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p.98.

24 Cf. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Diário íntimo*, p.91.

25 Cf. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Diário íntimo*, p.135-136.

enfermos não implicassem em obediência ou subordinação passiva ao saber de um especialista.

Ocorre que, em Couto de Magalhães, é difícil discernir o cuidado de si, enquanto técnica de existência, armadura burguesa da vida cotidiana, da hipocondria. A leitura do *Diário íntimo* evidencia a imagem de um homem frágil, atemorizado diante da possibilidade de contrair qualquer tipo de doença e das conseqüências disso sobre o bom funcionamento de seu corpo. Talvez ele tenha sido estimulado de tal forma desde a infância, como muitos outros homens e mulheres de sua época, e tenha se empenhado com tal afinco em responder a essa petição de saber-poder sobre seu próprio corpo, que essa própria ânsia de tudo conhecer e controlar em si tenha se tornado um problema maior do que qualquer outra doença que lhe acometesse. Como se, por esse tempo, sua maior doença fosse imaginar a si próprio como portador de todas as doenças do mundo.

Agitando as noites burguesas

Outro ponto em que a obra de Michel Foucault foi fundamental para a análise do *Diário íntimo* de Couto de Magalhães diz respeito à interpretação dos sonhos que o general registrou. Em se tratando de uma leitura antropológica de um documento histórico, minha preocupação era atentar para a dimensão social dos registros. Nesse sentido, a análise da “significação social” dos sonhos em Artemidoro, que Foucault desenvolve no texto *Sonhar com os próprios prazeres*,²⁶ foi bastante inspiradora para a leitura do universo onírico de Couto de Magalhães. Muito embora o texto de Artemidoro tenha sido escrito no século II d.C., e que ele não seja citado no diário do general, trata-se de um texto do mundo clássico, literatura familiar a Couto de Magalhães que cita em seu diário, por exemplo, o quarto livro do tratado *Do regime*, de Hipócrates (c. 460 aC. 377 a.C.), que não o convenceu quanto à melhor maneira de interpretar os sonhos, conforme registro feito aos 31 de janeiro de 1881:

Li ultimamente o tratado de sonhos de Hipócrates, que me não pareceu grande coisa, e como a matéria me excita a curiosidade, porque sonhar é trabalhar com o cérebro quando o cérebro deve de estar repousando, aqui continuo a lançar o diário dos que tenho tido, digo, dos que terei.²⁷

Procurei, então, a partir da leitura do texto de Foucault, interpretar não os sonhos de Couto de Magalhães, mas a maneira como ele próprio os interpretava. Por outro lado, era importante ter consciência de que o registro que

26 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*.

27 Cf. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Diário íntimo*, p.189.

o general fez em seu diário íntimo não nos dá acesso, necessariamente, ao sonho em si, mas a um registro escrito posterior ao ato de sonhar, modificado pelo processo de recordação e por esquemas de classificação conscientes ou não, por parte do sujeito que sonha.²⁸ Nesse sentido, o sonho narrado não é necessariamente o sonho sonhado. O esforço no sentido de tornar o sonho compreensível no registro escrito do diário íntimo pode implicar num acréscimo de coerência que muitas vezes os sonhos não têm.

A diferença fundamental entre a interpretação dos sonhos de Artemidoro e o período em que viveu Couto de Magalhães é apontada por Foucault ao refletir sobre a “cultura de si”. À época de Artemidoro,

ainda se está longe de uma experiência dos prazeres sexuais em que estes serão associados ao mal, em que o comportamento deverá se submeter à forma universal da lei e em que a decifração do desejo será uma condição indispensável para aceder a uma existência purificada.²⁹

Este será o contexto de Couto de Magalhães, que registra seus sonhos eróticos numa época em que, apesar de menos sujeita às exigências de uma “existência espiritual purificada”, não se admitia experiências sexuais fora da família nuclear e conjugal e em que o comportamento das pessoas deveria se submeter às teses da ciência e da higiene.

Em primeiro lugar, é interessante perceber que o registro dos sonhos por Couto de Magalhães não implicava numa busca de novas exigências em matéria de conduta sexual ou de enquadramento a um modelo religioso, médico ou higiênico. Seus atos oníricos não são mais relacionados a mensagens divinas, mas restritos ao funcionamento do cérebro. Não há nenhum tipo de julgamento moral, de auto-condenação ou tentativa de adaptar-se a um tipo de conduta vinda de fora e do alto. Nesse sentido, trata-se de um registro desafiador da moral de sua época. Isto não implica em sustentar a “hipótese repressiva”, afirmando que o século XIX não permitia o registro ou a revelação de segredos íntimos ou de sonhos eróticos, pois conforme mostrou Foucault, houve mesmo uma incitação aos discursos sobre o sexo. O aspecto desafiador de tais registros está mais na forma da revelação, já que os vitorianos esperavam que os autores de diários fossem circunspectos na revelação de suas intimidades.

No sonho com Leonardo, por exemplo, de 17 para 18 de fevereiro de 1881, longe de fazer um julgamento moral, o autor expressa sensação de “grande alegria”:

28 Cf. BURKE, Peter. A história cultural dos sonhos. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.47.

29 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*, p.72.

Sonho depois com o Leonardo, e era um outro lugar. *Iche chaputari om. ahe oputari om. ich.*

Observação:

Sensação de prazer vendo o rústico castelo francês; o rio, e água. Sensação de grande alegria pelo encontro com o Leonardo. Esse já e falecido; mas no sonho eu não tinha a consciência disso.³⁰

Em nheengatú no trecho acima: “eu quero fazer sexo com ele, e ele comigo”. Sendo “um tema bem freqüente nos moralistas o de que a virtude se marca pelo desaparecimento dos sonhos que traduzem no sono os apetites ou os movimentos involuntários da alma e do corpo”,³¹ Couto de Magalhães passa ao largo desses moralistas, pois registra em seu diário íntimo os “apetites ou os movimentos involuntários da alma e do corpo” sem estabelecer qualquer relação entre estes e um comportamento virtuoso. Nenhum sonho é definido por ele como sendo desonesto, imoral ou licencioso, apesar dele se mostrar preocupado em alcançar um comportamento moral que lhe fizesse sentir bem. Nenhum esforço feito no sentido de combater suas paixões e resistir-lhes seja dormindo, seja acordado. De fato, Couto de Magalhães parecia mesmo sonhar com os próprios prazeres.

Lembre-se que ao longo do século XIX a Igreja Católica, herdeira de um código moral anterior ao próprio cristianismo, impôs uma série de restrições à vida sexual, condenando com veemência a idéia do corpo como meio de prazer e definindo a carne como o lugar da impiedade. Referindo-se às “continuidades muito estreitas entre as primeiras doutrinas cristãs e a filosofia moral da antiguidade”,³² Foucault cita, entre elas, o medo das conseqüências do ato sexual desregrado, “medo muito antigo”, já encontrado entre os gregos. Da mesma forma, a idéia da fidelidade recíproca dos cônjuges ou da monogamia procriadora, além da existência de “apreciações fortemente negativas a propósito de certos aspectos possíveis da relação entre homens”,³³ todas estas eram questões que já se colocavam na Antiguidade. Em todo caso, observa Foucault, “diversos temas, princípios e noções podem perfeitamente se encontrar num e noutro; não possuem, no entanto, o mesmo lugar e o mesmo valor em ambos”.³⁴

No século XIX, tudo o que não conduzia diretamente à procriação, esfera do lícito, tornou-se pecaminoso e ilícito. Na esfera secular, as teses da ciência e da higiene pressionavam o sujeito a limitar sua sexualidade dentro dos limites do modelo de família higienicamente tratada e regulada. Tudo isso torna o registro dos sonhos por Couto de Magalhães bastante original e desafiador. Por outro lado, é possível pensar que, ao excluir o gozo

30 Cf. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Diário íntimo*, p.202.

31 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*, p.20.

32 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p.18.

33 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p.22.

34 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p.23.

do casamento, a Igreja contribuía para a insatisfação que muitos homens e mulheres experimentavam ao contraírem o matrimônio. Muitas vezes, o acesso ao prazer estava restrito ao adultério, às aventuras amorosas ou a prostituição, contribuindo para isto o fato de que não era visto com bons olhos o marido que tratava sua esposa tal como as amantes.³⁵

A análise dos sonhos por Couto de Magalhães fazia parte do que Foucault chamou de “técnicas de existência”. Tal qual em Artemidoro, algumas das imagens presentes nos sonhos do general eram interpretadas por ele como sendo signos de realidade ou mensagens do futuro. Interpretar os sonhos não significa satisfazer pura e simplesmente uma curiosidade pessoal, mas um trabalho útil, contribuição para o ato de gerir a própria existência e preparar-se para eventos futuros. Diferentemente do mundo clássico, ele não recorre aos profissionais das imagens da noite, mas a si próprio para interpretar os signos. O que ele realizava, portanto, era uma análise dos sonhos como prática de vida, fundamental para a correção de condutas cotidianas e como forma de preparação para eventos futuros. Quando registrava sonhos “ruins”, Couto de Magalhães não se punha de joelhos rezando, nem se preocupava em descobrir se estava em “pecado mortal”. O general não mais esperava pelos adivinhadores de sonhos e, o tempo inteiro, procurava “ajudar a si mesmo”, sendo o seu diário íntimo um elemento importante desse cuidado de si. O sonho aparece no diário de Couto de Magalhães como parte integrante de seu “manual para a vida cotidiana”, que era o sentido do próprio diário.

Por outro lado, se em Artemidoro “o sentido prognóstico do sonho e, portanto, de uma certa maneira, o valor moral do ato sonhado é a condição do ou da parceira, e não a própria forma do ato”,³⁶ em Couto de Magalhães, o “status social do ‘outro’” não tem muita implicação sobre o valor moral do ato sonhado. A narrativa de seus sonhos eróticos envolve homens e mulheres (estas em número bem menor), pessoas de diferentes posições econômicas e sociais. O vocabulário utilizado pelo general para definir os personagens de seus sonhos compreende expressões como branco, preto, crioulo, mestiço, índios, preta, mulher, rapariga, mocinha. Entre os personagens, alguns são soldados, como “o adão soldado do 20”, outros escravos, alguns pertencentes ao próprio sonhador, indicados por expressões como “um crioulo meu”.

Acordado, Couto de Magalhães refletia sobre as vantagens de ter a companhia feminina: “[t]enho ultimamente discutido comigo mesmo se há ou não vantagem em ter a companhia de uma mulher”,³⁷ registrou ele em

35 Cf. LANTERI-LAURA, Georges. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p.22.

36 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*, p.27.

37 Cf. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Diário íntimo*, p.125.

seu diário aos três de outubro de 1880. Mas sonhando, não manifestava desprazer em se envolver sexualmente com elas nem refletia se tal envolvimento onírico era mais ou menos prazeroso do que o que ele sentia ao sonhar com homens.

Em algumas situações, Couto de Magalhães aparece na condição de “ativo”, como no sonho com Timóteo de Goiás, de 18 para 19 de fevereiro de 1881: “[c]om o Timóteo a cena foi a seguinte: *iche aput. Reté amé ahe; ce rac. Sant. Ahé oputá oyum. x. p.*”.³⁸ O trecho em nheengatú significa: “eu quero muito fazer sexo com ele, meu galho preto endurecido quer estar escondido no ânus p.”. A palavra *sakanga* ou *rakanga* (registrada como *rak* ou *rac* no diário) significa galho em nheengatú, mas ele a utilizava no sentido metafórico de pênis.

No registro do sonho com um certo Capitolino, também de 18 para 19 de fevereiro de 1881, o sonhador aparece de forma mais clara na condição de “passivo” ou “subordinado”:

Capitolino: No sonho oiko *** pupé apohu sak. san. ipuxuna sakanga pupé apohu ramé sak. iche ce rori catu. Aramé iche onhahen ixupe: chaput. chan. ndo x.pu – Ahe osuachara?: Icatú; antes, porém, vamos fumar. Procurando o fumo e o papel para os cigarros acordei.³⁹

Trecho em nheengatú: “ele pegava *** dentro o galho preto e endurecido enquanto eu também pegava seu galho dentro e estava muito alegre. Então falei para ele: Quero que amarres minha mão. – [Ao que] ele respondeu (?): Está bem”.

Estes exemplos deixam claro que, ao contrário de Artemidoro, inverter a hierarquia social no sonho não é considerado mau augúrio. Ser “possuído” ou “possuidor” não altera a ordem dos prazeres e não altera o vocabulário erótico de Couto de Magalhães. O ato de penetração não aparece como qualificador dos atos sexuais. Observe-se ainda que o fato de os dois mestiços terem quinze anos de idade e pelo menos um ser escravo não é merecedor de nenhum tipo de reflexão moral por parte do autor.

No volume 2 da *História da sexualidade*, Foucault observa que muito embora o domínio dos amores masculinos possa ser considerado “livre” na Antiguidade grega, mais do que o foi nas sociedades modernas européias, desde cedo surgiram na Antiguidade “intensas reações negativas e formas de desqualificação” do amor pelo mesmo sexo. A descrição desqualificadora do perfil-tipo do homossexual, com a aura repulsiva que lhe é característica, já estava delineada na literatura greco-romana da época imperial, na qual se critica ou se debocha dos rapazes efeminados, excessivamente delicados.

38 Cf. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Diário íntimo*, p.203.

39 Cf. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Diário íntimo*, p.203-204.

Condenação do amor pelos rapazes ou do que chamamos hoje de relações homossexuais? Não, responde Foucault,

mas é necessário reconhecer aí o efeito de apreciações fortemente negativas a propósito de certos aspectos possíveis da relação entre homens, assim como uma viva repugnância a respeito de tudo o que pudesse marcar uma renúncia voluntária aos prestígios e às marcas do papel viril.⁴⁰

Note-se que em Couto de Magalhães, a distinção entre a atividade corporal do sujeito “ativo” e a passividade corporal do “objeto” na relação com o mesmo sexo não tem maior importância. A necessidade de interpretar a assimetria, tão marcante na interpretação dos sonhos na Grécia antiga⁴¹ desaparece na medida em que ambos os personagens do sonho seguram o “galho” um do outro e o sujeito sonhador-narrador, além de manifestar que “estava muito alegre”, não se mostra incomodado em reconhecer para si mesmo a atitude “passiva” de ter suas mãos amarradas por seu parceiro onírico. No registro dos sonhos do general, não há nada como a “resposta grega convencional”,⁴² que identificava a experiência do prazer corporal apenas no sujeito tido como “ativo” na relação. Os registros dos sonhos de Couto de Magalhães constituem uma evidência do caráter subversivo do sexo se opondo à ciência moralizante do século XIX, o que reforça a crítica de Foucault à “hipótese repressiva”.

Ora, se a originalidade do termo homossexual estaria no fato de se referir às duas pessoas, não importando se eram “ativas” ou “passivas” ou se eram consideradas “normais” ou “desviadas” em relação a seu gênero, o registro dos sonhos de Couto de Magalhães evidencia um momento em que as noções de simetria, polaridade e hierarquia não mais eram consideradas enquanto demarcadoras exclusivas da condição do sujeito no ato sexual. Dessa forma, o general aponta para uma leitura bastante particular da pederastia no mundo clássico e das tentativas científicas de enquadrar o amor pelo mesmo sexo no século XIX.

No diário de Couto de Magalhães também constam registros de sonhos que fazem referência ao erotismo oral, também sem julgamentos morais. Num deles, diz o narrador que

no sonho segui eu em passeio com ele. *Ariré ya oiko oipé casa pupé; iche cha ame oiko rete ahe *** ce rak. oyumuquau i barriga pupé; ariré iche tirei-a para*

40 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p.22.

41 Conforme Dover, “[é] importante lembrar que, sempre que se cede a tentação de fazer generalizações a respeito dos gregos, se está falando, nos períodos clássico e arcaico, de centenas de cidades-estado soberanas, espalhadas pela Grécia, pelo mar Egeu, e pelas costas (principalmente) da Turquia, constituindo um todo do ponto de vista linguístico e cultural, mas dando margem a diferenças marcantes na estrutura política e nos ideais sociais”. Conferir DOVER, Kenneth James. *A homossexualidade na Grécia antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p.16.

42 Cf. DOVER, Kenneth James. *A homossexualidade na Grécia antiga*, p.82.

fora, e rasguei a calça de algodão americano branco *ame. arama itimã pupé. Iche amahen oiko akanga ce rak opuxuna putera icatú*, porém *inti apauana*.⁴³

O trecho em nheengatu: “[d]epois estávamos numa casa; dava com meu galho*** em sua barriga; depois (...) para fazer sexo em sua perna. Dei a cabeça de meu galho preto, [ele] chupa bem (...) não acabei”.

Em se tratando da felação, tal prática era alvo de condenação moral mesmo no mundo clássico. Referindo-se ao mundo clássico romano, Paul Veyne sustenta que

existia realmente uma conduta sexual que era absolutamente vergonhosa, tanto que as pessoas passavam o dia se perguntando ‘quem era’; essa conduta, (...) era a felação (...) A felação era a injúria suprema e citavam-se casos de feladores envergonhados que tentavam, na opinião dos relatores, disfarçar sua infâmia sob a aparência de um vexame menor, fazendo-se passar por homófilos passivos!.⁴⁴

Neste caso, o general mostrava-se contrário tanto à moral convencional de sua época quanto à moral que informava grande parte de seu mundo intelectual. Em nenhum momento ele se confessa envergonhado ao registrar tal conduta em seus sonhos eróticos, se bem que em ambos os registros oníricos de felação ele aparece na condição de quem recebe o sexo oral.

A “alma” sonhadora e secularizada de Couto de Magalhães, livremente misturando os diferentes lugares por onde ele passou, vai se deslocando por diferentes paisagens e fantasias, que o autor procura inserir, quando acordado, em algum lugar de seu mundo conhecido ou de suas experiências históricas, como que a conferir aos sonhos maior significação. Dessa forma, tal como em Artemidoro, a análise de Couto de Magalhães é saturada de “elementos socialmente marcados”, o que

faz aparecer personagens retirados de um cenário social do qual eles ainda possuem todas as características; e ela os distribui em torno de um ato essencial que se situa ao mesmo tempo no plano das conjunções físicas, no plano das relações sociais de superioridade e de inferioridade e no das atividades econômicas de despesa e de lucro.⁴⁵

Os personagens de seus sonhos são, além dele próprio, outros homens e mulheres, brancos, índios, negros e tapuios que contracenam com ele em suas fantasias eróticas (“plano das conjunções físicas”), “caboclos” sem nome e sem rosto oferecendo-se para assentar em sua guarnição

43 Cf. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Diário Íntimo*, p.204.

44 Cf. VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: ARIÉS, Philippe e BÉJIN, André. (orgs.) *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.44.

45 Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*, p.36-37.

ou a preta Joana que “eu a repreendi pela estupidez de nos haver levado até o quarto de minha mãe sem nos prevenir que ela, minha mãe, lá se achava” (“plano das relações sociais de superioridade e de inferioridade”) ou pessoas ligadas às suas relações empresariais, seja no Brasil, seja em Londres (plano das “atividades econômicas de despesa e de lucro”).

A paisagem social evocada nos sonhos de Couto de Magalhães nos remete a experiências comuns à época em que ele viveu, sendo umas definidas como pertencendo ao campo do que era considerado normal e esperado dos sujeitos, enquanto que outras, muito embora ocorressem numa proporção bem maior do que a moral da época permitia admitir, justamente por isso são codificadas ou registradas em outra língua. Em todo caso, sua interpretação passa longe de qualquer tipo de associação à problemática da sexualidade, tal como definida pela medicina social do século XIX, preocupada com os “desvios” de conduta dos sujeitos ou mesmo à experiência da carne do ponto de vista religioso, preocupado com a identificação e extirpação dos usos pecaminosos do corpo e da mente.

Pode-se pensar que essa postura diferenciada de Couto de Magalhães diante dos valores morais de sua época, presente, por exemplo, na ausência de julgamento moral na interpretação de seus próprios sonhos, tem relação com a familiaridade que ele possuía com a literatura do mundo clássico. Nesse sentido, a interpretação pessoal de seus próprios sonhos e/ou experiências com outros homens pode estar muito mais informada pela experiência da pederastia entre os gregos do que pela perspectiva médico-higiênica que circunscrevia tais práticas ao campo do “homossexualismo”, com toda a carga preconceituosa que este termo carregava em fins do século XIX.

Vários autores do mundo clássico-latino citados por Couto de Magalhães em seu *Diário íntimo* (Marcial, Virgílio, Juvenal e Horácio) fizeram referências de alguma forma à pederastia, seja enquanto inspiração poética, seja enquanto prática a qual se associava uma nobreza intelectual e moral ou mesmo como fonte de depravação sexual de romanos considerados degenerados. Muito embora não cite no diário aqui analisado autores como Plutarco, Sócrates ou Platão, geralmente citados pela referência à pederastia em suas obras, certamente que Couto de Magalhães era conhecedor da discussão deste tema entre os gregos.⁴⁶ Lembre-se que ele se bacharelou em direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, onde manteve contato com a formação clássica típica de toda a elite de sua época.

De tudo o que aqui foi dito, pode-se concluir que os registros do *Diário íntimo* de Couto de Magalhães, feitos em sua maior parte em Londres, onde

46 Cf. a respeito, LAMBERT, Royston. *Pederastia na idade imperial: sobre o amor de Adriano e Antínoo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990; ALEXANDRIAN. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993; DOVER, Kenneth James. *A homossexualidade na Grécia antiga*.

surgiram verdadeiras comunidades de colecionadores de livros eróticos e estampas libertinas, contribuem para contrariar a “hipótese repressiva”, com a reputação de puritanismo rígido que por muito tempo se atribuiu ao reinado da rainha Vitória. Distante da suposta monotonia das noites burguesas, o *Diário íntimo* nos revela “outro vitoriano”,⁴⁷ personagem que vivia agitadas noites de prazeres oníricos, muito provavelmente extensão dos prazeres do dia. O “deslocamento teórico” de Michel Foucault, algumas vezes por semelhança, outras por oposição, me ajudou a perceber a singularidade da voz discordante do general brasileiro.

47 Cf. MARCUS, Steven. *The other Victorians* – a study of sexuality and pornography in mid-nineteenth-century England.